1ª PARTE

Estudos

HERMAN LIMA
ITINERÁRIO E EVOCAÇÃO

F. Magalhães Martins

Herman Lima foi um dos escritores que mais influíram nas minhas letras de contista. Eu lhe tinha muita admiração, desde a minha mocidade em Ipu; e, a partir de 1940, com o nosso relacionamento aqui no Rio, mantive com ele sólida amizade.

Em 1932 o *Fon-Fon* publicou um conto de minha autoria, dedicado a Antonio Marrocos, meu professor e amigo, então residindo no Recife, o qual me enviou de presente um volume de *Tigipió,* recém-saído em 3ª edição, aumentada, com a inclusão de quatro estórias de *A Mãe d'Água,* ambos os livros de Herman. Esse volume, lido por mim incontáveis vezes, acompanhou-me, encadernado, em minhas andanças por esses brasis.

Garimpos, o único romance seu, inspirado no ambiente das Lavras Diamantinas, foi também publicado na mesma época. Após formar-se, passou dois anos naquela região, tentando a Medicina, voltando dali com os originais dele. Um grupo de amigos concorreu para que o mesmo fosse lógo editado, adquirindo 500 exemplares por três contos de réis. Com esse dinheiro, ele pode casar-se e viajar em lua-de-mel até Fortaleza, sequioso de rever a terra natal.

Praia do Meireles — Em 1904, os pais de Herman foram ali morar num casarão de alpendre. Aquele recanto que, então, era geralmente habitado por gente pobre, na maioria pescadores, ficava algo isolado do centro urbano, distante cerca de uma légua. Ia-se até lá por três caminhos abertos no matagal. Um caminho ia pela Prainha, outro pela Aldeota e o terceiro em direção ao Mucuripe, pela volta da Jurema.

A 1ª vocação e a Escola — Bem cedo Herman sente grande atração pelos desenhos humorísticos estampados nas revistas trazidas por seu pai e por uma tia — a *Revista da Semana,* a *Careta,* o *Malho,* o *Tico-Tico* — deleitando-se com elas sem quase sair de casa, onde a mãe lhe ensina as primeiras letras.

Aos 12 anos, vai concluir o curso primário na cidade, freqüentando a escola de D. Efigênia Amaral, com seu irmão Fernando e outros meninos, dentre os quais aquele que viria a ser o Mal. Castello Branco. Disse que não conversava com eles, por ser tímido e reservado, genuíno bicho-do-mato, dado o insulamento em que vivia. E, mesmo, tendo que andar muito a pé nas caminhadas diárias de ida e volta, chegava à aula por vezes atrasado, pois os bondes da Prainha e do Outeiro passavam longe.

Curso ginasial — Para poder custear o estudo no Liceu, tirando os preparatórios parcelados, teve de sujeitar-se a modestos empregos no comércio. O pai, por sofrer prejuízos e apertos financeiros, vinha lutando muito para manter a família de oito filhos, tentando vários negócios, inclusive o arrendamento do Café Java, onde muitas vezes servia aos fregueses nas mesas. A situação paterna há de ter concorrido para torná-lo um rapazote encabulado e retraído.

1914 — Foi um ano de reviravolta na vida político-social do Ceará. Após a queda dos Acioli e deposição de Franco Rabelo, veio assumir o governo Benjamin Barroso, convidando seu primo Gustavo Barroso para secretário de Estado, este, com 26 anos, festejado escritor e jornalista no Rio de Janeiro. O êxito de seu livro de estréia *Terra de Sol* repercutia intensamente em Fortaleza, sendo comentado nos jornais, nas tertúlias literárias, nos saraus elegantes, na Praça do Ferreira.

Além disso, o ilustre e garboso Dr. Gustavo possuía um físico de Apolo, vestido como moderno Dandy, causando inveja aos jovens e encantando as moças. Por onde ele passa é cortejado, abraçado pelos amigos e intelectuais, sendo também admirado quando passeia a cavalo, de culote, pelas ruas do centro e dos arrabaldes. Herman o lembra, então, tirando fotografias no Stúdio Olsen onde trabalhava, invejando o seu porte varonil e elegante, sem ter coragem, porém, de lhe dirigir uma só palavra, tão tímido e embasbacado ficara.

1915 — A grande seca de 15 surpreende o Ceará, que atravessou longo período de bons invernos. Herman consegue emprego na Secretaria de Finanças, onde, com a arrecadação diminuída, ele só tem um trabalho: atender com desculpas e promessas os funcionários do Estado que vêm, aos grupos, reclamar pagamentos em atraso.

Sem ter o que fazer, aproveita o tempo lendo importantes obras: do Eça, Camilo e, sobretudo, Fialho d'Almeida, que o empolga, de Maupas — Sant e Flaubert, além de alguns autores nacionais. Alcides Mendes, que é também funcionário da repartição, empresta-lhe esses bons livros, falando de literatura e dos grandes nomes cearenses com quem conviveu no Centro Literário.

Entrementes, aparece *Praias e Várzeas,* volume em que Gustavo Barroso enfeixa suas estórias sertanejas e praianas. Estas, encenadas no ambiente do Meireles que Herman tanto conhecia e amava, mui particularmente e intitulada *Velas Brancas,* lhe despertaram a veia literária, de tal modo que logo escreveu um conto de praia mostrado a Alcides Mendes que muito o elogiou.

No ano seguinte, Gustavo é convidado para redator-chefe do *Fon-Fon,* a já famosa revista carioca, que passa a contar no seu corpo redatorial com outros escritores cearenses, como Oscar e Elcias Lopes e mais tarde Martins Capistrano. Muitos beletristas de nosso Estado colaboram nela, inclusive Herman Lima, que, cultivando o conto, deixa de lado sua vocação inicial pela caricatura, como que em estado de letargia.

1919 — Sobrevindo outra grande seca, mandou o Governo Federal fazer obras no Ceará, em socorro dos flagelados. Herman vai trabalhar como feitor,

na rodagem Aracati—Morada Nova, instalando-se com outros rapazes num sobradão daquela velha cidade, terra de seus ancestrais.

Ali vive dois anos — de seca e de inverno — observando curioso o ambiente sertanejo do baixo Jaguaribe, aprendendo a linguagem e os costumes do povo, viajando a cavalo nas estradas através de várzeas pontilhadas de carnaúbas. Vendo e ouvindo tanta coisa característica do folclore nordestino, está apto a escrever páginas descritivas dessa saga; e começa a rabiscar estórias para seu livro de estréia que vai ultimar e lançar dois anos após chegar a Salvador.

Passou a dispor, portanto, de rico material colhido *in loco*, para recriar e descrever, em contos regionais, a vida dos lavradores, pecuaristas, vaqueiros e outros homens do campo, que nele mourejam na seca, no verão ou no inverno, entre paisagens calcinadas ou verdejantes, entre rios ora secos, ora cheios, como o grande Jaguaribe, que ele próprio contemplou nas diversas fases climáticas.

Já não tem apenas em mente o cenário da beira-mar, as paisagens e tipos vistos no Meireles, com os coqueiros, os cajueiros, as dunas, o farol do Mucuripe, o mar bravio, os barcos de vela dos jangadeiros, as caboclinhas bonitas, simples e ingênuas, morenas da pele lisa e da cor do jambo, tipo feminino do seu eterno encantamento.

1921 — Aos 24 anos quando deixa o serviço na rodagem, não é mais aquele menino e adolescente que se julgava feio, tímido, introvertido, de roupas de brim mal feitas. Agora, é um rapaz senhor de si, vivo e corajoso, capaz de vencer na vida, firmando um nome literário.

Vai tomar posse, na Delegacia Fiscal de Fortaleza, do emprego conseguido por concurso e nomeado pelo Presidente Epitácio, a quem ousara escrever antes. Mas, não está de todo satisfeito, porque pretende se formar em Medicina. Por isso, faz permuta com um colega de trabalho, para poder ir, em 1922, estudar na Faculdade da Bahia.

Em 1928 terminou o curso, recebendo o diploma de médico. Já é, então, o conhecido contista de *Tigipió*, laureado pela Academia Brasileira de Letras, tendo ido receber o prêmio no Rio, a Capital Federal e da Cultura que desde muito o atrai fortemente. Na volta à Bahia, muda-se para a região das Lavras Diamantinas, tentando a profissão de médico nas cidades de Lençóis e Andaraí.

1933 — Herman Lima vem, casado, fixar residência no Rio de Janeiro, onde conta com alguns amigos ilustres e influentes. Sua pleiteada remoção para o Ministério da Fazenda fora atendida com o pistolão de Olegário Mariano, que lhe devotava cordial estima.

Logo que aqui chega, é requisitado para servir no Catete, como auxiliar do Presidente Getúlio Vargas, que com ele despacha a correspondência dirigida ao Governo, contendo notadamente pedidos, reclamações, sugestões. Esse contato com o presidente deu-lhe ensejo de solicitar e conseguir sua adição à Delegacia do Tesouro em Londres, permitindo-lhe realizar o sonho de visitar e conhecer o Velho Mundo.

1937 a 1940 — Nesses três anos de permanência na capital inglesa, ele pôde viajar pelos países da Europa e adjacentes, conhecendo cidades antigas,

ilustres, museus, monumentos e atrações turísticas, colhendo impressões destinadas a futuras publicações.

Em 1940, com a invasão da França pelas forças hitleristas, estando a Grã-Bretanha sob a mesma ameaça, Herman Lima regressa ao Brasil; e foi justamente quando eu também chegava ao Rio, de mudança, transferido para a Matriz do Banco do Brasil. Isto marca uma das coincidências no destino de dois cearenses que escreviam contos regionais: o consagrado autor de *Tigipió* e o principiante que preparava seu 1º livro.

Nosso relacionamento começou com encontros havidos em sua casa alugada, creio que à Rua Rainha Elisabeth, início de Ipanema. Lembro-me que era um prédio branco, de reboco chapiscado, tendo no centro um vão ou varanda descoberta, onde à noite os visitantes eram recebidos. Duma feita, lá já estava o poeta Leão de Vasconcelos, razão por que conversei pouco durante aquela cálida noite.

Somente dois ou três encontros tivemos ali, quase todo o tempo a falarmos de literatura, mais precisamente dos seus e dos meus contos, pois destes eu lhe entreguei alguns para sua apreciação. Ao devolvê-los deu a entender que não gostou pelo menos de um deles — *Maconha* — apesar de publicado na 1ª página do *Fon-Fon*. A minha decepção não me fez mudar de idéia. É que já estava preparando uma coletânea de contos, tendo escolhido justamente o *Maconha* para pôr em primeiro lugar e servir de título da mesma. E, com eles, logo depois concorri ao "Prêmio Humberto de Campos", de 1941.

1941 — 1942 — Por essa época, Herman Lima vivia cheio de afazeres e problemas. Estava construindo sua residência no Jardim Botânico, andando atarefado, sobretudo com o preparo de seus livros — *Na Ilha de John Bull* e *Outros Céus, Outros Mares*.

Ia trabalhar diariamente no ministério e precisava comparecer sempre na J. Olympio Editora, não só para a revisão deles como para cuidar da tradição de obras em inglês. José Olímpio ainda lhe impôs a dura tarefa de secretariar a comissão julgadora do concurso "Humberto de Campos", em substituição a Magalhães Junior que foi para os EUA. Por isso, meu malfadado *Maconha* caiu nas mãos de Herman, que não haveria de gostar dele e muito menos da minha teimosia. No entanto, no final, lhe deu voto para Menção Honrosa e pugnou em vão no sentido de ser publicado.

Outros Céus, Outros Mares saído em 1942, obtendo prêmio da Academia Brasileira, consagrou-o como excelente prosador. Nessa obra da maturidade, reafirma seu exuberante poder descritivo através de primoroso estilo, sua vasta erudição em matéria de história, literatura e artes plásticas, citando renomados nomes universais.

A partir de então, intensificou sua atividade intelectual. Pronunciou conferências, aprofundou um estudo sobre a técnica, teoria e definição da estória curta, o qual mais tarde (1957) é reeditado sob o título *Variações sobre o Conto,* substancioso opúsculo de 130 folhas. Lançou pequenas obras e álbuns de desenhos de J. Carlos e de Álvarus, a monografia ilustrada *Rui e a Caricatura,*

além de ensaios sobre Coelho Neto e Domingos Olímpio. Publica, ainda, *Imagens do Ceará,* livro em que reuniu as crônicas evocativas da infância e mocidade.

A Caricatura — Esta, porém, era sua maior paixão, que ele nunca deixaria de namorar, tendo mesmo pintado na juventude cinco desenhos para o *Tico-Tico,* como também, mais tarde, as ilustrações para seus dois primeiros livros. Não podendo ser caricaturista, jamais deixou de apreciar a arte, pensando constantemente em escrever sua história.

Convocando pelo Sr. Procurador-Geral da Fazenda, Sá Filho, a ocupar o cargo de chefe de seu gabinete, neste permaneceu de 1951 a 1954. Quando lhe sobra tempo, continua fazendo pesquisas e anotações. Sente, porém, necessidade de *full time* para, freqüentando arquivos e entrevistando artistas, obter maiores dados a respeito da caricatura.

Mais de uma vez quis e tentou aposentar-se, mas recuava ante as ponderações de amigos de que isso não era oportuno, lembrando-lhe uma reforma de quadros e vencimentos prestes a sair no DASP. Ele espera bastante, até que em 1958 resolve de repente aposentar-se no seu antigo cargo efetivo, passando a perceber minguados proventos, como qualquer escrevente de coletoria.

Daí em diante, embalado pelo grande sonho, volta-se de corpo e alma ao seu gigantesco trabalho. Prossegue pesquisando, enquanto escreve capítulos e mais capítulos naquele cursivo já tremido e irregular, e, assim, vai estruturando a obra imensa. Ao término, diria no prefácio: — "Não tenho conta dos momentos de desfalecimento, ante a amplitude que esse trabalho ia assumindo, levando avante por mim só, numa infinidade de dias de lazer, em tantas noites varadas até quase madrugada".

A certa altura, ele me revelou que tinha muito a fazer, mas que não podia parar, embora estivesse com glaucoma. E me explicou que um oculista confirmou o mal de que já vinha desconfiando, pois, quando olhava para um foco de luz, enxergava um halo em volta e para isso só havia um tratamento: — a operação. Mas que iria operar-se somente após ver concluída a obra.

1963 — Nos meados desse ano, saiu a lume *A História da Caricatura no Brasil,* um grande livro e um livro grande, desdobrado em quatro alentados volumes, com 1.800 páginas e quase mil ilustrações, muitas em cores. Outra curiosa coincidência entre o destino literário de Herman e o meu, porquanto, foi precisamente na mesma ocasião que saiu o meu principal livro — *Delmiro Gouveia, Pioneiro e Nacionalista.*

Longe de mim a idéia de comparar um ao outro! Basta dizer que, enquanto eu gastei dois anos para realizar pesquisas, escrever e editar meu trabalho de 210 páginas, Herman consumiu nisso 20 anos de insano e persistente labor. A história da caricatura é obra incomparável, vastíssima, bem feita em tudo, que merece ser lida e consultada sempre, como fonte de estudo não só da pintura, mas de muitas outras artes e ciências ligadas à nossa história e sociologia.

Charges geniais dos grandes homens, retratando, criticando, ridicularizando atos, idéias e costumes numa só estampa ou em historietas humorísticas, mostrando, ao lado de bichos, pessoas notáveis e figuras comuns, simbólicas da vida

social, como o Zé-Povo, o Almofadinha, a Melindrosa, o Chiquinho e a Juquinha, e tantas outras desenhadas nas capas e páginas da *Revista da Semana, Careta, Fon-Fon, Tico-Tico, Malho* etc.

Embora fosse um *expert* que apreciava e conhecia como poucos os clássicos da pintura universal, inclusive os que têm telas célebres nos museus de Louvre, do Prado e de Haia, Herman Lima deu preferência ao estudo dos caricaturistas, precursores das histórias em quadrinhos, os artistas brasileiros dos desenhos a lápis e a bico-de-pena.

Analisou a obra e a vida de cada um, desde os mais antigos, como Agostini e Bordalo Pinheiro, até os dos últimos tempos — Nássara, Guevara, Euclides Santos, Mendez, Álvarus, Borjalo, Augusto Rodrigues. Aprofundou o estudo dos que apareceram, com sucesso, na fase áurea do 1º e 2º decênios deste século de efervescência política, bastando citar o genial J. Carlos, Raul, Calixto, Storni, Fritz, Hélios, Yantock, cujas peculiaridades pictóricas de traços, tipos e temas foram interpretadas e descritas pelo exímio exegeta, detalhadamente, em currículos completos, a que não falta sequer o registro relativo à data e ao local do nascimento.

Enfim, *A História da Caricatura no Brasil* é uma obra-prima, sem similar no mundo inteiro, destinada a ficar para a posteridade entre as maiores da língua portuguesa. A ABL, em reconhecimento do grande mérito intelectual, agraciou Herman Lima, aliás pela 3ª vez, deferindo-lhe o prêmio pelo conjunto de obras.

Em 1976 ele publicou *Poeira do Tempo — memórias,* em que ratifica a sua fama de emérito prosador, em páginas repassadas de emoção e beleza. Memórias suas e de outros parentes, amigos e ídolos, a cada qual dedicando um capítulo, o primeiro a seu pai e o último ao filho João Antônio, sendo o ponto alto os ensaios sobre Olegário Mariano e o maior de seus ídolos, Gustavo Barroso, cujas pegadas nos caminhos das artes e das letras procurou seguir, como *conteur* e caricaturista.

Esse livro de memórias pode ser chamado seu canto de cisne e o coroamento da excelsa glória daquele menino tímido do Meireles, cujo primeiro sonho artístico foi a caricatura, e do rapaz sonhador que deixou o Ceará, levando alguns contos rabiscados, almejando firmar um nome literário.

O cidadão, o ser humano — Herman Lima era um cidadão simples, modesto, sério, bom filho e bom pai, fiel às suas origens e ardoroso patriota. Pátria quer dizer, etimologicamente, a terra dos pais. Quem ama os pais, a terra natal e as coisas que lhe são inerentes, ama também, por extensão, a mãe Pátria. Essas qualidades e mais o sentimento de amizade e gratidão eram a pedra angular do seu caráter, as quais se faziam sentir no convívio e nos seus dois pré-citados livros de lembranças e memórias.

Para falar do nosso relacionamento, que sofreu, é certo, alguns hiatos ao longo de 47 anos, serei forçado a usar pronomes da 1ª pessoa. Por isso, rogo aos caros leitores que não me tenham como vaidoso e convencido, porquanto

o meu objetivo primordial é dar maior autenticidade aos episódios e assuntos que passarei a comentar.

Por mais de uma vez fui no meu carro à sua residência, sito a Rua Pery, 146; rua íngreme numa falda do Corcovado. Um dia, saía do banco e, logo adiante, na 1º de Março, avistei-o, por sinal muito bem vestido, dirigindo-se a outro banco, aonde ia pagar uma conta. Acompanhei-o e fiquei esperando vê-lo no guichê de caixa a contar e recontar o dinheiro.

Como logo prometi, ia levá-lo até a casa em meu automóvel estacionado próximo. Conversamos por todo o caminho, e, subindo a Rua Pery, deixei o carro em frente à sua casa. Ao entrar, ele falou alto, alertando a esposa: — Anete, o Magalhães está aqui para lanchar conosco.

Depois subimos à sala de jantar, onde a esposa botava o lanche, a andar para lá e para cá. Sentamo-nos em volta da mesa, com as filhas e o filho varão, que Herman acariciava, chamando-o "meu pequeno príncipe". Aquele pai de família estava num dia de graça, sorridente e falador, coisa rara de ver fora do lar, na sua conduta rotineira, de homem sisudo e calado.

D. Anete, que eu há anos não via, era a mesma senhora serena e discreta, sem luxo, sem pintura. Tinha o físico *mignon,* cabelos negros e pele trigueira, tipo feminino que, por sinal, lembrava o das mocinhas morenas da Praia do Meireles, que o escritor imortalizou em diversos dos seus belos contos e crônicas.

Certo dia encontrei-o triste e macambúzio, confessando, por fim, estar em dificuldade para resolver sério problema. A velha empregada, babá de seus filhos, sofrera um derrame, com paralisia. Se era difícil tratá-la em casa, quase impossível era interná-la em hospital, talvez por muito tempo. E meu amigo, dotado de bom coração, sofria muito em face desse terrível dilema.

Doutra feita fui falar-lhe no Ministério da Fazenda, a ver se era possível cancelar ou reduzir uma dívida absurda que o setor do Imposto de Renda me estava cobrando com multa. Herman respondeu que nada podia fazer, porque num caso quase idêntico, ocorrido com a viúva de Olegário Mariano, os técnicos do setor não atenderam; e a pobre viúva, embora alegasse o extravio do aviso de cobrança, fora ameaçada de perder a casa para fugir ao executivo fiscal.

Por volta de 1953 fui vê-lo na chefia do gabinete do Procurador-Geral da Fazenda. Encontrei-o no seu *bureau,* rodeado pelas mesas dos funcionários, na maioria mulheres. Pareceu-me não terem o que fazer na ocasião, ao passo que o meu amigo, com a sua simplicidade e com as suas mãos finas acostumadas a redigir, executava um trabalho de agulha e linha próprio de mulher, qual seja, prender com os pontos de uma agulha grossa as peças de volumoso processo.

Como eu estranhasse o fato, ele adiantou, como desculpa, tratar-se dum importante processo que ia receber o despacho do procurador para ser levado ao ministro ainda àquela tarde. Enfim, sendo um assunto de natureza urgente e confidencial, ele preferiu fazer aquele serviço.

Depois da morte de Gustavo Barroso, animei o meu amigo a candidatar-se à vaga dele na Academia Brasileira. Respondeu, de pronto, negativamente. Insisti,

dizendo que ele o fizesse não tanto por si mas pelo nosso Ceará. Continuou resistindo, alegando que jamais pediria o voto de Osvaldo Orico.

Talvez Herman tivesse aversão, também, a outras exigências do ritual acadêmico: envergar o fardão; assistir às sessões de gala, empertigado, ante a curiosidade do *society*; freqüentar as reuniões semanais somente para ouvir mudo as idéias rebuscadas dos outros.

Ele era ainda o mesmo aluno da escola de D. Efigênia, aquele bicho-do-mato, tímido e envergonhado, que não sabia conversar com os companheiros. Forçoso é dizer que Herman usou sempre a mesmíssima linguagem com sotaque nordestino. Nunca aprendeu a falar bonito. Ele próprio o confessou, de modo indireto, revelando admiração por aqueles que possuíam o dom da palavra, citando os que se notabilizaram nos bate-papos — Afrânio Peixoto, Medeiros e Albuquerque, Martins Fontes, Câmara Cascudo — e nos improvisos, como Gustavo Barroso, ajudado por prodigiosa memória, e Coelho Neto, pelo verbo colorido e arrebatado.

No entanto, ele falava muito bem o francês e, especialmente, o inglês, a julgar pelo que escreveu, narrando os encontros com dois grandes escritores. Vejamos:

> "Num sábado, ao entrar num bar para o almoço, dou com Wells, e o reconheci, por aquela gorda face lunar e os olhinhos sumidos. Deu-me logo vontade de abordá-lo, sentado a uma mesa a dois passos. Chego diante dele e, mal levanta os olhos, aponta uma cadeira, dando ensejo a uma palestra de meia hora, que desde o começo tenho a alegria de notar que não estou enfarando o grande homem. Era natural que o Brasil viesse à baila. Wells queria saber como é nosso sistema educacional; qual a nossa atitude em face de Portugal, e diz que um dia pretende visitar o Brasil. Eu via há muito meus amigos fazendo acenos, mostrando o relógio. Meia hora! Foi um minuto apenas de exceção na minha vida."

O seu patriotismo revela-se, ainda, no capítulo em que descreve a viagem que fez até a longínqua e friorenta Escandinávia, somente para visitar a escritora Selma Lagerlof. A chamada Sherazade deste século ficou famosa pelas estórias mágicas da gestão nórdica, com as lendas, costumes e coisas de sua terra.

> "Sem saber como, ponho-me a falar do Brasil, das nossas coisas e da nossa gente. Há um certo pasmo ingênuo nessa amorável fisionomia maternal da gloriosa escritora, a balançar a cabeça quando lhe digo das nossas riquezas, da imensidão da nossa terra, do prodígio da paisagem. — *Great country* — murmura ela. Indaga se temos ainda muitos índios, quais os nossos mitos, a raça autóctone, a flama do folclore que a seduz sempre. Fala na nossa forma atual de governo, recordando o velho imperador D. Pedro..."

Depois de dizer ter sido Herman o primeiro brasileiro que a visita, a velhinha doce, de olhos azuis, autografa para ele um volume das *Lendas de*

Cristo e oferece o retrato com amável dedicatória. Ele conclui dizendo que, ao chegar lá fora, após ter realizado um velho sonho, se sente leve e satisfeito, como um colegial que teve um prêmio.

Eu ou ele, vez por outra, recorríamos ao telefone para tratar de assuntos de nosso mútuo interesse. Vou aqui apenas referir o motivo que, em novembro de 1963, me levou a fazer-lhe uma ligação, combinando um encontro a fim de irmos eu e alguns colegas adquirir de suas mãos a *História da Caricatura*. No local e hora marcada, comparecemos eu, o romancista Wilmar Sassi, o poeta Vitto Santos e o jornalista Nelson Alcântara, na Editora José Olímpio, recebendo dele quatro coleções do livro, com seu autógrafo.

Herman teve, então, algumas palavras de agradecimento, contente por ver sua obra, embora não fosse um *best seller*, dado o seu elevado custo, estar sendo procurada por muitos intelectuais, como nós. E isso já era uma boa recompensa do seu longo e cansativo trabalho.

Declarou Herman, várias vezes, que ao ler na mocidade o conto *Velas Brancas*, obra-prima de Gustavo Barroso, sentiu forte "impacto emocional a abrir-lhe a mente fascinada. Foi como um "Abre-te Sésamo" a história do velho pescador do Meireles, de nome Matias Jurema, que ficou cego depois de tanto singrar as ondas revoltas batidas pelo vento sob os ardentes raios solares.

> "Não podia ir mais ao mar, contentando-se em seguir, cada manhã e cada tarde, a labuta dos companheiros. Um Domingo de Ramos, quando todos tinham ido à missa, quase ninguém na praia, as velas das jangadas secando ao sol, o velho saiu de casa, dirigindo-se à costa. Às apalpadelas preparou uma jangada pequena, sentou-se à popa e rompeu pelo mar afora. E a vela apagou-se no céu..."

Matias Juremas sempre dizia que era melhor morrer no seio do bom e dadivoso mar do que ser enterrado no ventre da terra, da terra seca e ruim como a do sertão, que ele odiava desde a infância por ter visto dela fugirem os pais pobres e famintos. Como na canção de Dorival Caymmi, achava que "é doce morrer no mar, nas ondas verdes do mar..."

No capítulo em que Herman descreve a visita à ilha de Capri — um bloco de rochas abruptas, expostas à soalheira e à violência dos ventos salitrados — lê-se que, dos passeios programados, ao invés de ir e entrar de barco na gruta azul, ele foi de ônibus, por estreito e tortuoso caminho, conhecer a vila de San Michele, no cimo de Anacapri.

Lá morava, em seu palácio encravado numa penedia, qual um ninho de águia, o Dr. Axel Munthe, admirador da natureza e amigo dos bichos e dos pássaros. No seu *Livro de San Michele*, ele disse que o erigiu de joelhos, como um santuário do sol, para poder haurir a sabedoria e a luz, perto de Deus.

Embora fosse avisado, pelo fogo ardendo nos olhos, de que não devia viver ali e, sim, na sombra, o famoso sábio sueco não se importou. Tal como

os cavalos que voltam à sua coudelaria em chamas, para nela morrerem, ele voltava sempre à luz cegante da ilha de Capri.

Para terminar este estudo, eu escolhi, propositadamente, as histórias do jangadeiro Matias Jurema e do sábio Axel Munthe, por serem algo semelhantes à de Herman Lima que, como vimos, comprometeu seriamente a visão, até concluir o livro que era o maior de seus sonhos artísticos.

É dever de todos nós, mui especialmente os cearenses, reverenciar a memória desse extraordinário brasileiro, que tudo fez em prol das letras e artes, sacrificando sua saúde e bem-estar, desprezando as riquezas materiais e as delícias da vida. Assim era o meu amigo e ilustre escritor Herman Lima.